(Jakob StreitHistória do original, em alemão, Ich Will Dein Bruder Sein)
Era uma vez um gigante que tinha tamanha força, que era capaz de arrancar um pinheiro com as raízes e tudo, usando apenas as próprias mãos. Seu nome era Óforo. Ele já havia trabalhado para muitos lavradores; entretanto, não costumava ficar muito tempo no mesmo lugar, pois quando terminava as tarefas, a falta do que fazer o aborrecia muito. Então, ele disse para si mesmo: quero procurar o mais poderoso dos senhores deste mundo e só a ele desejo servir; esse, com certeza, conseguirá fazer bom uso de toda a minha força. Portanto, Óforo viajou de reino em reino, de cidade em cidade, e em todos os lugares perguntava pelo mais poderoso dos senhores. Finalmente chegou à corte de um rei. Um trabalhador lhe dissera ser esse o rei mais poderoso de todos os reinos, até os mais longínquos. Óforo se fez conduzir até o trono e ofereceu seus serviços. Quando o rei viu aquele gigante fortíssimo, disse: “Nunca precisei tanto de uma pessoa assim como justamente agora! Você será o maior e o mais forte de meus guerreiros; com você, todas as batalhas serão vencidas.” Poi s justamente naquele dia, o rei mandara chamar todos os soldados do reino. Precisava reunir um exército, porque o rei vizinho invadira o país, atacara uma cidade e a incendiara. Ele agora queria mandar um exército para contra-atacar. Mais que depressa, o ferreiro teve de forjear uma espada imensa para Óforo; porque todas as outras existentes no castelo eram pequenas demais para ele. No dia seguinte, o exército partiu para a luta, e o gigante seguia na frente.
Já no terceiro dia, chegou de volta ao castelo um veloz mensageiro e comunicou a notícia: “Coroem de flores as portas da cidade, coroem de flores a torre, pois nossos guerreiros venceram! Foi incrível ver Óforo lutando. Restou pouco para os outros soldados fazerem, pois diante dos golpes da espada do gigante o inimigo fugiu, embrenhando-se nas matas, dispersando-se nas montanhas: o rei invasor está morto.”
Logo repicaram os sinos de todas as torres da cidade. Portas e escadarias do castelo foram enfeitadas com flores. O rei ordenou que no salão principal se preparasse a mesa para comemorar dignamente a festa da vitória. Um harpista deveria cantar ao som de suas cordas, e os dançarinos de sabre foram chamados para mostrar o melhor de sua arte.
Ao anoitecer, o salão estava iluminado. Óforo sentou-se ao lado do rei. Quando o harpista tocou, entoou uma canção que falava do diabo. Despercebidamente, o rei fez sobre a testa o sinal de uma pequena cruz. Óforo notou o gesto e pensou: “Foi estranho isso que o rei fez.” A canção terminou e os convivas beberam alegremente de suas taças.
Quando o rei perguntou ao gigante se a canção lhe agradara, este disse: “Houve uma coisa que eu estranhei, ó rei. Porque o senhor fez, repentinamente, um sinal sobre a testa?” O rei respondeu: “Sempre faço isso quando o nome do diabo bate em meus ouvidos; é grande seu poder neste mundo: “Óforo tornou a perguntar: “Então o poder do diabo é maior que o seu?” “Eu governo só o meu reino, mas o diabo tem poderes sobre o mundo todo.”- disse o rei.
Óforo nunca ouvira falar no diabo e imaginou tratar-se também de um rei. Então pensou: “Se existe alguém ainda mais poderoso que este rei, vou partir daqui e procurá-lo. É ao mais poderoso dos reis que desejo servir!”
No dia seguinte, embora o rei relutasse muito em deixá-lo partir. Óforo despediu-se e continuou sua caminhada pelo mundo. Durante todo o trajeto, perguntava sempre onde morava o diabo, mas ninguém conseguia responder. Algumas pessoas até se assustam com a pergunta, de modo que Óforo passou a sentir uma admiração cada vez maior pelo rei desconhecido.
Certa vez,quando o gigante atravessava uma sombria floresta, veio juntar-se a ele uma viajante de aparência muito estranha. Sua roupa era esverdeada, seu queixo terminava numa

barbicha pontuda e seu chapéu era enfeitado por uma pena preta. Imediatamente, Óforo perguntou: “Caminhante, saberia me dizer onde posso encontrar o diabo?” “Ele caminha a seu lado. Sou eu mesmo.” – respondeu a figura verde. “É verdade que você tem poder no mundo todo?” “Sim é! – respondeu o diabo.” Diga-me, então, posso ser seu servo? Você tem trabalho pra mim?”- Óforo assim perguntava por não saber que as obras do diabo são obras malignas. “Eu sei de um trabalho, venha comigo:” – acenou-lhe o diabo, e saiu saltitando na frente, entrando no bosque.

Depois de terem caminhado por algum tempo, a criatura de verde parou junto de um grande pinheiro e ordenou: “Arranque-o!” Com um só puxão, Óforo arrancou a árvore da terra. Ele ainda teria de partir os galhos, mas já o diabo lhe fazia sinal de novo para que o seguisse, e ele obedeceu, carregando nos ombros o pesado tronco. Pouco tempo depois, saíram de dentro do bosque e chegaram a um lugar onde, há várias semanas, alguns homens muito diligentes construíram uma capela. Já tinham sido postas as vigas de cumeeira. E num pinheirinho ali colocado tremulavam fitas coloridas. Fora uma tarde de festa. Os operários haviam deixado o local; na manhã seguinte pretendiam pôr as telhas.

“Bata com bastante força!” – exclamou o diabo, apontando para a construção. E, quase que imediatamente, o grande tronco do pinheiro derrubou o vigamento do telhado e fez ruírem as paredes. Não ficou pedra sobre pedra.

“Sua primeira tarefa foi bem feita” – elogiou o diabo, e sorriu contente.

Óforo nada sabia fazer a não ser acatar as ordens do seu novo senhor, e assim continuou a segui-lo.

Quando, no dia seguinte, os trabalhadores chegaram, descobriram, com grande tristeza, que a capela havia sido demolida. “Isto é obra do maligno!” - exclamou um deles. “Vamos erguer uma cruz bem no caminho antes de reiniciarmos a construção; ela o manterá afastado”. No mesmo instante, fincaram uma cruz de madeira no meio da estrada que ia dar na capela. Voltando ao local de trabalho, cantaram e começaram de novo a construir.

Depois de algum tempo, quando o telhado já protegia aquele lugar sagrado, o diabo vinha voltando acompanhado de Óforo. O gigante, mais uma vez, carregava um tronco de pinheiro. O diabo seguia na frente. Ao se aproximar do cruzeiro, estremeceu, saltou de lado e fez um grande desvio ao redor dele. Admirado, Óforo estacou: “O sinal da cruz na testa, a cruz no caminho... Diga-me diabo, porque você saltou de lado?” “Não faça perguntas, apenas quebre o telhado. Veja, ele já está com as telhas em cima.” “Eu não darei nenhuma pancada enquanto você não me disser o que significa essa cruz:” “tenho de tomar cuidado” – disse o diabo – “Para não pronunciar seu nome.” “Será que é um nome tão perigoso que o próprio diabo precisa se proteger dele?” – perguntou Óforo – “Por acaso existe um senhor ainda mais forte que você?”

O diabo chegou então bem pertinho dele e sussurrou: ”Existe um que tem poder sobre a terra e no céu; não pergunte mais nada, vamos, bata com força!” Óforo, porém retorquiu: “Se existe um senhor que tem poder não só sobre um reino, não só sobre a terra, mas também no céu, então ele é o maior do reis, e é ele que quero servir.” Com essas palavras, o gigante jogou ao chão o tronco da árvore, bem em cima dos pés do diabo. Encaminhou-se então para a capela, deixando para trás o diabo, que saiu dali praguejando e mancando.

Bem cedo na manhã seguinte, chegaram os trabalhadores. Encontraram um tronco despedaçado no caminho e, dentro da construção, um gigante dormindo. As vozes dos operários o despertaram, e Óforo dirigiu-se a eles, que estavam muito espantados. Sem prestar muita atenção ao medo que pareciam sentir, apontou para o cruzeiro e perguntou: “Que

rei é esse a quem pertence esse símbolo?" Os operários responderam: "Não sabemos explicar-lhe muito bem, preferimos construir a casa dele; mas siga em direção ao sol nascente por mais ou menos uma hora e vai encontrar um rio caudaloso. Entre os rochedos que ficam acima do rio, há uma caverna, e nela habita um velho, um eremita; ele com certeza saberá responder-lhe."

Óforo pôs-se a caminho e encontrou tudo conforme lhe havia sido explicado. Escalou os rochedos acima do rio; uma trilha estreita indicou-lhe o caminho da caverna. Admirado, o eremita olhou para o gigante, que se postara diante de sua ermitã. "Que quer de mim?" Óforo respondeu: "Oh, ancião, diga-me onde posso encontrar o rei que tem poder sobre a terra toda e também o céu?" "Existem dois caminhos para encontrá-lo" – disse o velho - "o primeiro deles manda que você procure um lugar tranqüilo, como eu fiz; deverá alimentar-se pouco e ler as histórias da Sagrada Escritura." "Esse não é o meu caminho" – retrucou Óforo – "não sei ler e não gosto de ficar parado. Veja só meus braços tão cheios de força. Eles querem trabalhar!"

O eremita concordou com a cabeça e prosseguiu: "Ouça então qual o segundo caminho: você precisa com toda essa força, servir aos homens. Está vendo ali embaixo o rio caudaloso e largo? Nenhuma ponte o atravessa, e, no entanto são muitos os viajantes que, todos os dias, desejam passar para a outra margem. Desça até lá, construa uma choupana bem na beira da água e atravesse as pessoas, carregando-as em seus ombros fortes."

"Isso eu farei com prazer!" – exclamou Óforo, agradecendo ao velho, e tornou a descer. Sua choupana foi logo construída ali na margem e, dali por diante, o gigante carregava os viajantes para o outro lado, a qualquer hora, sem jamais pensar em pedir pagamento. Se alguém lhe dava pão ou frutas, ele agradecia.

Passou-se o primeiro ano. Óforo subiu até o ermita e disse: "Ancião, o grande rei ainda não veio." "Então prossiga por mais um ano. Ele logo virá." E assim, ano após ano, Óforo subiu até o ermita, e o seu rei não vinha. Já era a sétima vez que o eremita o mandava descer de novo para a beira do rio; Óforo, porém não reclamava.

Numa noite tempestuosa, enquanto o vento bramia lá fora, Óforo em sua choupana, estava mergulhado em sono profundo. Repentinamente, despertou. Pareceu-lhe ouvir, bem nítida, uma voz chamando-o da outra margem. Levantou-se, agarrou seu possante cajado e enfrentou as ondas que bramiam. Mas, na outra margem, não encontrou ninguém para ser carregado; apenas o vento assobiava forte por entre o arvoredo. "Será que, dormindo o que ouvi foi o vento a uivar?" – pensou ele, e foi deitar-se de novo na choupana.

Mal havia adormecido, acordou sobressalto. Ouvira nitidamente uma criança chamando. Mais uma vez, Óforo atravessou as águas. As ondas já não estavam tão altas, e também o vento serenava um pouco. Mas na outra margem não havia absolutamente ninguém. Ele chamou, e não houve resposta.

"Que estranho" –murmurou para si mesmo – "eu ouvi alguém chamando." Nada mais lhe restava a fazer senão voltar, deitar-se na choupana e dormir.

Pela terceira vez, ele despertou. Lá fora, as ondas e o vento se haviam calado. Uma voz clara como cristal chamava: "Óforo, carregue-me para o outro lado!" saindo da choupana, enxergou um clarão de luz, que vinha da outra margem na sua direção. Ele teve a impressão de ver, dentro desse foco de luz, uma criança esperando. Óforo começou a atravessar a correnteza e agora via claramente que a delicada figura estava totalmente envolta pela luz.

Atingindo a outra margem, ele se inclinou diante da maravilhosa criança e a pôs nos ombros cuidadosamente. Tornado a atravessar a correnteza, Óforo começou a sentir que a criança ia ficando cada vez mais pesada. A cada passo, mais ele precisava dobrar os joelhos. E também

no vento e as águas voltaram a bramir; as ondas altas batiam em suas vestes e em sua barba. No meio da correnteza, seus joelhos se dobraram, e ele teve a sensação de que o mundo todo lhe pesava sobre os ombros. Pensou que fosse afundar e, então, ergueu a cabeça e disse, desalentado: “Oh, criança, como você é pesada!” e a resposta veio do alto, cristalina: “Óforo, você carrega bem mais do que o mundo, pois carrega aquele que o criou.” E, quando ele ergueu o olhar, divisou uma sublime figura luminosa. Seu semblante refulgia como o sol, e uma coroa de estrelas circundavam de raios sua cabeça. Era Cristo, o Senhor, e Ele lhe disse: “Você esperou por mim durante sete anos e serviu fielmente aos homens. Portanto eu o batizo com meu nome: de ora em diante você se chamará Cristóforo. Junto á sua choupana, finque o cajado na terra; quando, da madeira ressequida, brotarem folhas verdes, você estará comigo!” A luz desapareceu; o peso nos ombros também. E as estrelas voltaram a brilhar normalmente. Cristóforo levantou-se, caminhou para a choupana e fincou seu cajado bem fundo na terra. Três dias depois, em vão as pessoas chamaram pelo gigante para carregá-las até a outra margem. Quem chegou até a choupana encontrou junto à porta, fincado na terra, o cajado do gigante totalmente recoberto de folhas verdinhas. Altas vozes chamaram por seu carregador, mas ele não apareceu. Dentro da choupana, encontraram seu corpo sem vida, deitado no chão.

A notícia se espalhou, e vieram pessoas de perto e de longe, e choraram a ausência do bom servo que, tanto de dia como de noite, as transportara para a outra margem por tempestades e vendavais. Um mensageiro subiu até a ermita para contar ao eremita o sucedido. O ancião meneou a cabeça, dizendo: “Deitem o gigante numa sepultura; Cristóforo encontrou o maior dos reis; mas eu ainda preciso esperar...”

(Texto extraído da revista Nós, Época de São João 2005, da Escola Waldorf Rudolf Steiner, em São Paulo)